

Da produção ao silêncio sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis

Renato Kerly Marques Silva (UFSC)¹

Nesta comunicação, são destacados elementos que perpassam o processo de escrita, publicação e divulgação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Pensar sobre este processo remete à ideia de práticas culturais, como descritas por Roger Chartier (1988). Para o pesquisador, um livro, enquanto objeto oriundo de uma cultura, tem sua produção orientada por práticas que são apropriadas por escritoras e escritores, ou seja, o processo de escrita, publicação e divulgação de uma obra literária é influenciado por modelos anteriores que marcam a forma como o texto é elaborado, organizado e materializado.

Úrsula foi publicado em 1859, é considerado um dos primeiros romances brasileiros de autoria de uma mulher. Maria Firmina dos Reis é considerada a precursora do romance com características da literatura afro-brasileira. O período de escrita, lançamento e divulgação do romance representa um importante ponto para análise da mobilização de elementos que, além de destacarem o trabalho intelectual da escritora, indicam ações para a conquista de um público leitor e um projeto com o objetivo de reconhecimento de sua autora, pelo menos, entre os intelectuais maranhenses. Os aspectos autorais e editoriais que envolvem a publicação de *Úrsula* apresentam importantes elementos para pensar a inserção de sua autora em uma dinâmica que orienta a produção literária de meados do século XIX e destacam, além dos modelos literários disponíveis, modos de publicação que poderiam ser operados por escritoras.

O recorte temporal desta análise destacou o período de 1857 (quando foi publicada a primeira resenha sobre o romance) e 1862 (quando foi identificado seu último anúncio de venda) como um período de intensa publicidade da escritora e com diferentes ações para a promoção do romance em questão. Como registra Luciana Diogo (2018), em 1857, foi publicada, no jornal *A Imprensa*, a primeira resenha de *Úrsula*. Em função das informações apresentadas, naquele momento é possível afirmar que a narrativa já possuía a forma que veio a público quando da impressão do livro. Seus personagens, com nomes e partes importantes da trama, foram publicados com um pedido para que os interessados em conhecer a história assinassem a subscrição para a compra do livro.

¹ Licenciado em Letras (UFMA), Mestre em Ciências Sociais (UFMA), Doutorando em Literatura (UFSC), professor da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, integrante do Núcleo de Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade – LITERATUAL (UFSC).

Antes de avançar para uma reflexão sobre os pedidos de subscrição para a publicação do livro e a divulgação ocorrida após sua impressão, é importante retornar para o processo de escrita e pensar algumas das escolhas operadas pela escritora na elaboração do projeto estético/narrativo de seu romance.

A dimensão autoral

A narrativa tem por cenário vastos campos que durante o inverno são inundados a ponto de parecerem um "oceano em bonançosa calma". Seguindo modelos do Romantismo brasileiro, a cor local é o primeiro elemento mobilizado pela escritora. A história tem início com a chegada de Tancredo à fazenda em que Úrsula vivia. O jovem sofreu um acidente enquanto viajava pela região, sendo salvo por Túlio, escravizado que serve à Úrsula e à sua mãe, Luísa B. Após o acidente, Úrsula cuida de Tancredo, a convivência desperta em ambos uma intensa paixão.

O romance é construído em torno do amor impossível entre Úrsula e Tancredo, e a interdição é determinada por Fernando P., irmão de Luísa B. Como um representante do poder patriarcal, Fernando P. é aquele que tudo pode e a quem ninguém deve se opor. A construção desse personagem retoma um tema frequente no Romantismo, o incesto. Fernando P. devotava grande paixão por Luísa B., se opôs ao seu casamento e foi responsável pelo assassinato de seu esposo. Quando conhece Úrsula, transfere para ela a paixão nutrida pela irmã antes mesmo de saber que era sua sobrinha.

O poder de Fernando P. leva à morte todos os que de alguma maneira interditaram seus desejos. O desfecho do romance anuncia que não há alternativa possível, o final feliz dos apaixonados indicaria que o poder patriarcal poderia ser contestado, que a ordem dos senhores poderia ser desobedecida, contrariando todo o sistema social vigente. Como uma marca dos romances escritos por mulheres, nessas narrativas a vingança não decorre do uso da violência (TELLES, 2012). No caso, há um processo de conversão em que Fernando P. busca a punição por seus erros após a morte de Úrsula. Perseguido pela culpa e frustração de não a ter possuído, ele morre sem se arrepender de seus pecados. Segundo os dogmas cristãos, essa ação condena sua alma a sofrimentos que o acompanharão além da morte.

Os capítulos são organizados a partir do encaixe de narrativas introduzidas por passagens em que as personagens contam suas histórias. A cada capítulo emerge uma personagem sobre quem a narradora se empenha em oferecer informações. Após a descrição do passado e dos dramas familiares dos personagens centrais, no Capítulo IX, Susana recebe

as luzes que têm corroborado para a classificação do romance como precursor da literatura afro-brasileira. Susana, nascida em África, é a testemunha da violência da escravidão desde o sequestro em sua terra natal e da viagem no navio negreiro até a morte por ordem do Comendador Fernando P. Ela é vítima da desumanidade e expõe a contradição dos cristãos ao apoiarem o regime escravocrata.

Em relação à crítica à escravidão, tema de maior destaque nas análises produzidas sobre o romance, é importante destacar que essa temática perpassava também a produção literária de outros escritores maranhenses, como Trajano Galvão, autor de “*O Calhambola*” (1854) e Gonçalves Dias, autor de “*A Escrava*” (1846) e “*Meditações*” (1846). A identificação da crítica à escravidão em passagens da literatura maranhense associa o trabalho da escritora ao conjunto literário que vinha sendo publicado e reforça a ideia de que ela não estava distante das discussões em destaque em São Luís e nas capitais das demais províncias.

Além da identificação da temática crítica à escravidão entre escritores maranhenses contemporâneos a Maria Firmina dos Reis, a sintonia entre a descrição proposta pela maranhense e os escritos de outras mulheres lembra a ideia de Elaine Showalter (1977) sobre o movimento subterrâneo que orientava a literatura produzida por escritoras. Se for indicada uma tradição à qual *Úrsula* pode ser associada, ela remete à segunda metade do século XVII quando Aphra Behn (1640-1689) publicou *Oroonoko ou o Escravo Real* (1688). É pouco provável que a maranhense tenha lido esse romance, mas a descrição de africanos como sujeitos de alma elevada e a crítica à situação degradante de vida dos escravizados aparece na obra de Behn com um tom semelhante ao presente em *Úrsula*. Outra obra cuja escritora elabora uma crítica à escravidão é *Sab* (1841), de Gertrudiz Gómez de Avellaneda (1814-1873). Nascida em Cuba, ela apresentou um enredo em que um escravizado atinge a elevação espiritual que a segregação racial e a violência da escravidão pretendiam interditar.

A construção dos capítulos também ressalta uma forte influência do folhetim, que tanto marcou a literatura produzida no Brasil entre 1840 e as primeiras décadas do século XX. O folhetim brasileiro tem suas origens no que os franceses chamavam *romain anglais* pré-romântico, cujo principal exemplo seria o romance *Saint-Clair das Ilhas*, escrito em 1803, por Elizabeth Helme. A obra circulou por aqui e recebeu “a roupagem francesa ideada por Mme. de Montolieu” (MEYER, 1996, p.46).

Nele tudo se encontra: enredo cheio de suspense, raptos, sequestros, abandonos, torneios medievais, castelos góticos, ruínas, capelas, exaltação da natureza, a velha Escócia, ilhas selvagens, nobres cavaleiros e horríveis vilões e, no caso, até vilãs; exaltação da coragem indômita que justifica o rapto e da virtude submissa doméstica e domesticadora. Enfim, um misto de tendências arcaicas ou tradicionais, e novas.

(MEYER, 1996, p.46)

Em diferentes doses, vários desses elementos aparecerão em *Úrsula*. Ainda que não tenha sido publicado em folhetim, o romance possui um viés folhetinesco, sobretudo pelo uso da técnica do encaixe. Em relação à tecitura de *Úrsula*, essa técnica narrativa pode ser identificada pela “adição de infinitos enredos paralelos, mas imbricados por um elemento que pertence ao enredo principal” (MEYER, 1996, p.161). O que foi utilizado para designar alguns folhetins como *roman à tiroirs*, ou romance com gavetas que o autor abria para acrescentar personagens ou informações sobre a narrativa.

A forma maniqueísta como as personagens dos folhetins são construídas também pode ser percebida em *Úrsula*. Os detentores de algum poder, à exceção de Tancredo, são indicados como maus, corrompidos e degenerados. A referência ao padre, que sempre testemunha os crimes praticados por Fernando P., associa a Igreja Católica ao mal representado pelos homens brancos. Por outro lado, com exceção de Adelaide, as mulheres e os escravizados são a representação do bem e, como tais, demonstram uma elevação moral forjada a partir da resistência à opressão a que estão submetidos. Mesmo o alcoolismo de Antero, escravizado da fazenda de Fernando P., encontra justificativa no banzo que este sente por sua terra natal. De acordo com José Ramos Tinhorão (1994), a literatura do Romantismo era revestida pelo

conceito subjetivo da valorização do eu do indivíduo – o que leva à exaltação do personagem herói, transformado pessoalmente em defensor intransigente do Bem – compensando assim o horror das injustiças com a certeza de que, sendo o homem fundamentalmente bom, como queria Rousseau, o Mal acabaria sempre vencido. (TINHORÃO, 1994, p.9)

A perspectiva romântica expressava uma visão exaltada e apaixonada da realidade que projetava “uma comiseração paternalista pelos deserdados e miseráveis (em nome, é claro, dos sentimentos de piedade e caridade cristãs)” (TINHORÃO, 1994, p.19). A oposição entre bem e mal orienta o tipo de relações estabelecidas entre as personagens de *Úrsula*.

A dinâmica de construção das personagens românticas buscava, com a construção de caracteres resilientes às opressões e elevados espiritualmente, conquistar os leitores e levá-los a desejarem o fim daqueles que oprimem os heróis das narrativas. Nesse caso, é impossível não especular alguma aproximação entre o romance e o sucesso que *A Cabana do Pai Tomás* protagonizou no início da década de 1850. Em 1853, edições portuguesas do romance de Harriet B. Stowe circulavam em São Luís, e não é difícil supor que o livro despertou a atenção da sociedade, sobretudo pelos efeitos que foram associados a este romance em relação à luta contra a escravidão. O testemunho das violências infligidas aos escravizados

aproximam as vítimas aos sofrimentos enfrentados pelo Cristo e, desse modo, conquistam mais apoiadores às propostas de libertação dos escravizados.

O contato entre a autora e seu possível público

A presença do prólogo é outro elemento a ser destacado nesta discussão. Ele indica a atenção de Maria Firmina com práticas editoriais vigentes no século XIX, pois, em vez de destacar elementos que o leitor encontrará no romance, as páginas que preparam a leitura da narrativa apresentam uma longa lista de avaliações que desmerecem as possíveis qualidades que a autora e o livro possam apresentar. Nele a escritora é levada a reconhecer que os “homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem” (REIS, 2004, p.13) são os autorizados à produção literária.

Um elemento importante a destacar é que a distinção entre o prefácio de uma escritora e o de um escritor pode ser observada na comparação entre o texto de Maria Firmina e outro escrito por uma mulher que assina com um nome masculino. Pode-se falar no caso do prefácio da primeira edição de *Indiana* (1832), primeiro romance assinado com o nome George Sand, pseudônimo de Amantine Aurore Lucile Dupin (1804-1876). Após o sucesso do romance, todos vieram a saber que ele fora escrito por uma mulher. Apesar de identificar que o romance poderia despertar críticas, principalmente por abordar a história de uma mulher que tinha relações extraconjugais, sobre a autora não há referências de suas possíveis limitações, como falta de estudos ou negligências com a escrita do romance.

Entre o desejo de divulgar seu texto e as interdições para que mulheres não expressassem habilidades intelectuais, a escritora apela para argumentos como o amparo e a proteção dos leitores para superar o desprezo que sua obra possa despertar. Ciente da pequena quantidade de mulheres escritoras, Maria Firmina espera que o acolhimento do público sirva de incentivo para que mulheres com mais habilidades comecem a escrever.

Ao examinar prefácios de outras escritoras do século XIX, Muzart (1990) observa as diferentes estratégias utilizadas para destacar a humildade destas. Esse artifício de apresentar a escritora como aquela que reconhece antes de todos as limitações de seu trabalho foi identificado por Zahidé Muzart (1990) como as “fórmulas de humildade”.

Nos prefácios femininos, transparece o peso da "culpa" e o medo de ser repudiada, ou de ser ignorada, compondo um estranho jogo. Decorrendo desses sentimentos escondidos, uma humildade ou modéstia meio forjadas e, muitas vezes, exageradíssimas. Embora as fórmulas de humildade sejam usadas desde a Antiguidade, nas mulheres são às vezes tão acentuadas, tão repetidas, que se torna

evidente haver outra coisa atrás das palavras. (MUZART, 1990, p.65)

As “fórmulas de humildade” diziam mais sobre a sintonia entre as escritoras e o modo de publicação que era realizado por mulheres, do que ao reconhecimento de falhas nos seus textos, mas, de todo modo, eram um sinal de deferência a possíveis críticos e leitores para que fossem tratadas com alguma cortesia.

A partir desta observação é possível identificar o prólogo do romance como um elemento intermediário entre a atuação autoral e os aspectos editoriais para divulgação do romance. Esse texto opera como a chave que pode fazer com que o texto seja acessado por possíveis leitoras/es, ainda que reconheça que sua autora está fora do espectro de autores, cuja leitura deveria ser indicada. Daí as várias censuras registradas por Maria Firmina.

A divulgação do romance

Em relação às divulgações do romance, alguns elementos merecem destaque. Um deles foram as campanhas de subscrição, e a primeira delas foi proposta após a apresentação do prospecto do romance em 1857. Como citado, naquele ano, o romance já indicava estar finalizado, mas faltava o financiamento para a publicação, pois sua autora era desconhecida e iniciaria sua carreira com esse romance. Além de ser seu primeiro trabalho literário, ela não possuía relações pessoais ou ocupava cargos públicos para garantir-lhe ressonância naquela sociedade. Ainda que não tenha sido identificada a repercussão do primeiro pedido de subscrição, a demora para o lançamento indica que a primeira campanha não obteve êxito e sua impressão só ocorreria em 1859.

Nascimento Morais Filho (1975) chama atenção para o fato de que, embora o livro seja datado como impresso em 1859, os anúncios sobre ele só foram divulgados a partir de fevereiro de 1860, e a sua circulação só seria confirmada em agosto de 1860. A partir de suas constatações, ele sugere que o romance teria sido impresso em 1860, e a data na folha de rosto seria resultado de um erro de impressão. No entanto, destaca-se que as diferenças podem estar relacionadas ao período de quando o livro teria sido impresso. A impressão poderia ter ocorrido ao final de 1859, e diversos fatores podem ter orientado que sua circulação ocorresse apenas em 1860, como o planejamento de uma campanha para divulgá-lo. Outra informação que pode ser destacada para confirmar a impressão do livro em 1859 é a reconhecida atuação de Bellarmino de Mattos como tipógrafo, na cidade de São Luís, parece uma conclusão apressada imaginar que ele permitisse uma falha desse tipo em um de seus trabalhos.

Em fevereiro de 1860, um novo anúncio de subscrição foi publicado em *A Imprensa* e

convidava os leitores a apoiarem a “talentosa maranhense” (ÚRSULA, 1860, p.4). Novamente não sabemos o efeito dessa campanha por assinantes, porém, nesse ano, começaram a ser publicados anúncios sobre a disponibilidade do livro.

Até o momento, foram identificados cinquenta anúncios: entre 1860 e 1862, foram 27 em 1860; 17 em 1861; e 6 em 1862. Boa parte desses anúncios foi publicada no jornal *A Imprensa*, que também divulgou a primeira resenha e era impresso na Tipografia Progresso, que imprimiu as páginas do romance. Esses anúncios informavam o título, a quantidade de páginas, o valor e onde leitoras e leitores poderiam comprar o “excelente ROMANCE, que deve ser lido pelos corações sensíveis e bem formados e por aqueles que souberem proteger as letras pátrias” (NOVA PUBLICAÇÃO, 1860, p.4). O formato desses anúncios indica uma diferença na divulgação do romance. Em geral, eram publicadas listas com o nome dos vários livros à venda, mas, no caso de *Úrsula*, o livro era anunciado isoladamente, embora não se saiba o motivo para uso dessa estratégia de divulgação. Apenas em alguns artigos da época foi possível identificar avaliações sobre o romance. Nesses documentos, o elemento nacionalista era um ponto de destaque sobre a obra, o tom promocional, que caracteriza essas publicações, indica que esses textos tinham por objetivo estimular as vendas do romance.

Um último elemento a ser observado é o pseudônimo e a omissão inicial do nome de sua autora. A primeira edição de *Úrsula* é anunciada como escrita por “Uma Maranhense”. Para Nascimento Morais Filho (1975), a ausência do nome era motivada por uma tentativa de proteção ou uma possibilidade de evitar as críticas que poderiam ser feitas ao romance e às ambições de uma mulher que invade o território do literário. Horácio de Almeida, no prefácio da edição de *Úrsula* de 1975, afirma que “a autora, ou por modéstia ou temerosa da crítica, oculta-se no anonimato” (ALMEIDA, 1975, p. vi). No entanto, o próprio Morais Filho reconhece que assinar livros com pseudônimos era uma prática comum no século XIX, como fizeram Jane Austen e George Sand.

Contradizendo sua interpretação sobre a proteção ao nome da autora, o próprio Morais Filho identificou três publicações que reconheciam Maria Firmina como autora de *Úrsula*. As citações foram publicadas a partir do início da circulação dos anúncios, respectivamente, no *Jornal do Comércio*, em 4 de agosto de 1860, em *A Moderação*, em 11 de agosto de 1860, e em *A Verdadeira Marmota*, em 13 de maio de 1861. Escapou à pesquisa de Morais Filho uma nota publicada em *A Imprensa*, em 1º de agosto de 1860.

Essas publicações, sem indicação de autoria, registram que a Sra. D. Maria Firmina dos Reis, maranhense, vivia na vila de Guimarães e tinha uma limitada formação acadêmica. Tais artigos parecem unirem-se aos anúncios de venda do livro, e a divulgação do nome da autora

pode ter ocorrido após o mistério sobre a autoria não ter despertado o interesse público.

Nesses artigos, o incentivo ao surgimento de novas escritoras e a polidez das críticas dirigidas ao romance funcionam como um modelo que foi observado em várias avaliações sobre a obra de Maria Firmina. Não foram identificados comentários da autora sobre tais avaliações, mas é possível imaginar que não havia espaço para tal manifestação, pois uma posição de humildade deveria ser mantida frente às críticas elaboradas por homens.

Considerações

Maria Firmina conhecia os processos estéticos que orientaram o Romantismo, como a presença de elementos que representassem a cor local, e a crítica social que transformava em heróis aqueles que estavam à margem, como mulheres e escravizados. Além disso, a escritora dialogava com importantes referências literárias que escreviam a partir do Maranhão, como Gonçalves Dias e Trajano Galvão, elaborando um intertexto com escritores como Bernardin de Saint-Pierre, citado no romance, e Harriet B. Stowe.

Ademais, a análise do processo de divulgação do romance indica que sua autora e as pessoas envolvidas na edição e venda do livro mobilizaram diferentes estratégias para atrair a atenção dos leitores. Desde a divulgação do prospecto do livro, passando pelas campanhas de subscrição, o possível mistério sobre sua autoria e a campanha de divulgação do livro indicam a tentativa de tornar a publicação conhecida de seus possíveis leitores.

No entanto, pouco tempo após sua publicação teve início um período de silêncio sobre a obra, ainda que sua autora tenha seguido publicando até o início do século XX. Pensar o esquecimento do romance e de sua autora, que só voltou a receber atenção de críticos literários após 1970, remete ao sexismo e à defesa da escravidão como elementos que atuaram para a delimitação da literatura que poderia ser reconhecida como representativa daquela sociedade. O processo de resgate da autora realizado por pesquisadoras orientadas pela Crítica Feminista, na década de 1990, confirma essa hipótese e expõe como o reconhecimento de escritoras do século XIX é perpassado por orientações que extrapolam a dimensão estética do texto literário (MUZART, 1999) e indicam uma dimensão política e sexista na produção dos cânones e na seleção de quais escritoras/es podem ser reconhecidas/os.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. In: **Úrsula**. (s/local): (s/ ed.), 1975. p.1-8.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.

DIOGO, Luciana Martins. A primeira resenha de *Úrsula* na imprensa maranhense. **Afluente**. v.3, n.8, p.11-25. maio/ago. 2018. Disponível em:
<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/download/9845/5798>.
Acesso em: 20 jul. 2020.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis**: fragmentos de uma vida. São Luís: SIOGE, 1975.

MUZART, Zahidé L. Artimanhas nas entrelinhas: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. **Revista Travessia**, n.21, p.64-70, 1990. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17202>. Acesso em: 20 dez. 2021.

MUZART, Zahidé L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 1999.

NOVA PUBLICAÇÃO. **A Imprensa**, São Luís, ano 4, n.61, 1 ago. 1860. Revista Noticiosa, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/035156/1064>. Acesso em: 10 jun. 2022.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula; A Escrava**. Belo Horizonte; Florianópolis: PUC Minas; Ed. Mulheres, 2004.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**: british women novelists from Brontë to Lessing. New Jersey: Princeton University Press, 1977.

TELLES, Norma. **Encantações**: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX. São Paulo: Intermeios, 2012.

TINHORÃO, José Ramos. **Os Romances em Folhetins no Brasil (1830 à atualidade)**. São

Paulo: Duas Cidades, 1994.

ÚRSULA, romance brasileiro. **A Imprensa**, São Luís, ano 4, n.29, 11 abr. 1860, p.4.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/035156/1056>. Acesso em: 10 jun. 2022.